

# O SANTUÁRIO DA IMAGEM: NISE DA SILVEIRA E A REVOLUÇÃO DO AFETO

Jorge Miklos

Psicólogo, professor e supervisor clínico na abordagem analítico-integrativa, com atuação orientada pela Psicologia Profunda. Formado em História, Ciências Sociais e Psicologia, com especialização, mestrado e doutorado nas áreas de Psicologia, Religião e Comunicação. Na Clínica Analítica do Instituto do Imaginário, orienta práticas que articulam psique, cultura e sociedade. Seus temas de interesse incluem espiritualidade contemporânea, metanoia, envelhecimento, masculinidades e crítica à medicalização da vida. Influenciado por Jung, Nise da Silveira, Paulo Freire, Rubem Alves, Leonardo Boff e pela arte em suas múltiplas expressões, valoriza a escuta simbólica, os mitos e a dignidade da imperfeição como caminhos de transformação e sentido.

## RESUMO

Este artigo propõe que a maior revolução do século XX não foi política, científica ou econômica — mas simbólica e afetiva — e teve em Nise da Silveira sua principal artífice. Ao romper com os métodos violentos da psiquiatria tradicional, Nise instaurou uma nova ética do cuidado: a revolução do afeto. Sua prática clínica ressignificou a loucura não como desvio ou patologia, mas como expressão legítima da alma em sofrimento, capaz de se reorganizar por meio da imagem simbólica. Inspirada pela Psicologia Profunda de Carl Gustav Jung, ela compreendeu a arte como via primeira de linguagem do inconsciente, reconhecendo nas produções espontâneas dos pacientes manifestações arquetípicas e núcleos de sentido profundo. O Museu de Imagens do Inconsciente tornou-se, assim, um santuário da subjetividade e um testemunho vivo dessa revolução silenciosa. A escuta da imagem, a valorização do vínculo e a confiança na potência simbólica da psique transformaram radicalmente os modos de tratar, pensar e acolher o sofrimento psíquico. Sua atuação devolveu à loucura sua dignidade e à clínica sua dimensão poética e humanizadora. Sua obra permanece como o mais potente legado de uma cura que nasce do afeto, da arte e da escuta.

## Palavras-Chave:

Nise da Silveira; revolução do afeto; imagem simbólica; loucura; Psicologia Analítica.

## GUIADA PELO AFETO

Nise da Silveira (1905-1999) foi uma das figuras mais revolucionárias da psiquiatria brasileira e mundial. Sua trajetória transcendeu os limites da ciência e se inscreveu na história como um testemunho da luta pela humanização da loucura e pela valorização da expressão simbólica dos sujeitos em sofrimento psíquico. Nascida em Maceió, Alagoas, desde cedo demonstrou um espírito inquieto e visionário. Em 1926, tornou-se a única mulher a se formar em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, em uma época na qual as mulheres eram vistas com desconfiança nos círculos acadêmicos e científicos. Seu percurso foi marcado por uma resistência inabalável aos métodos convencionais da psiquiatria, que se baseavam na repressão, na medicalização excessiva e na supressão da subjetividade do cliente.

Desde o início de sua carreira, rejeitou veementemente o uso de terapias violentas, como a lobotomia, a insulino-terapia e os eletrochoques, práticas que considerava brutais e desumanizadoras. Para ela, a loucura não deveria ser encarcerada nem mutilada, mas compreendida em sua complexidade. Em suas palavras, “o que denominam doença mental pode ser, em muitos casos, uma forma diferente de viver a realidade” (SILVEIRA, 2022, p. 35)

Sua militância por uma psiquiatria mais humanizada levou-a a enfrentar perseguições políticas e acadêmicas. Durante a ditadura do Estado Novo, em 1936, foi presa sob a acusação de subversão, por possuir livros marxistas. Permaneceu quase dois anos no presídio Frei Caneca, onde teve contato com Graciliano Ramos, autor de Memórias do Cárcere. Essa experiência intensificou sua percepção sobre a violência institucional e o caráter punitivo da psiquiatria tradicional, reforçando sua convicção de que os clientes psiquiátricos não deveriam ser tratados como prisioneiros ou como seres sem voz.

Após sua libertação, passou a atuar no Hospital Pedro II, no Rio de Janeiro, onde iniciou uma experiência revolucionária no tratamento da esquizofrenia e de outras psicoses graves. Em vez de impor tratamentos convencionais, introduziu a arte como via terapêutica, incentivando os internos a expressarem suas experiências internas por meio da pintura e da modelagem. Foi nesse momento que descobriu o valor das imagens produzidas por seus clientes, compreendendo-as não como devaneios incoerentes, mas como manifestações simbólicas da psique profunda. Como afirmava, “as imagens que surgem nas criações dos psicóticos são expressões legítimas de seu universo interior, não podendo ser reduzidas a simples sintomas de uma patologia” (SILVEIRA, 2022, p. 47)

A partir dessa descoberta, desenvolveu um novo método de tratamento, no qual a produção imagética era utilizada como um canal de comunicação entre o terapeuta e o cliente. Esse trabalho resultou na criação do Museu de Imagens do Inconsciente, um dos maiores acervos do mundo de arte produzida por pessoas em sofrimento psíquico. A iniciativa não apenas preservou as obras desses clientes, mas também trouxe à tona a importância da arte como um instrumento de reconstrução subjetiva e ressignificação da experiência psíquica.

Além de sua atuação clínica, seu pensamento estava profundamente ancorado na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Ela reconhecia, nas imagens criadas por seus clientes, manifestações diretas do inconsciente coletivo, refletindo padrões arquetípicos que transcendiam a experiência individual. Seu contato com Jung ocorreu, inicialmente, por meio de suas leituras e da troca de correspondências, mas sua influência foi tão marcante que, em 1957, ela visitou o Instituto C.G. Jung, em Zurique, sendo reconhecida como uma das maiores estudiosas da Psicologia Analítica na América Latina.

Seu trabalho permanece como um farol na história da psiquiatria, demonstrando que a loucura não pode ser reduzida a um quadro clínico ou a um diagnóstico, mas deve ser compreendida como um fenômeno psíquico que clama por acolhimento e expressão simbólica. Como ela própria sintetizou: “Cada traço, cada cor, cada forma que emerge da mente de um cliente é uma tentativa de reconstrução de sua história psíquica. Silenciar essas imagens é silenciar sua

própria alma.” (SILVEIRA, 2022, p. 56).

Dessa forma, se legado transcende a psiquiatria, alcançando o campo da arte, da filosofia e da espiritualidade. Seu trabalho não apenas resgatou a dignidade de seus clientes, mas também nos ensinou a olhar para a loucura com novos olhos, compreendendo-a não como um erro a ser corrigido, mas como um território simbólico a ser escutado e integrado.

Ela acreditava que “o que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito”. Sua resistência a métodos agressivos e sua dedicação a tratamentos humanizados deixaram um legado profundo na psiquiatria e na luta antimanicomial.

## **O Inconsciente em Expressão**

Ela compreendia a imagem não apenas como um recurso expressivo, mas como uma via privilegiada de manifestação do inconsciente, um fenômeno psíquico que emerge para reorganizar conteúdos fragmentados e restabelecer uma narrativa simbólica coerente na alma do sujeito. Ao longo de sua prática clínica, percebeu que os clientes psiquiátricos, frequentemente rotulados como “incapazes de comunicação”, possuíam um mundo interno vasto e pulsante, que encontrava na produção artística uma via de expressão legítima e profunda.

Inspirada pela teoria dos arquétipos, proposta por Carl Gustav Jung, Nise enxergava nos desenhos, pinturas e esculturas produzidos pelos internos uma espécie de mitologia espontânea, uma fusão entre o universo individual e as grandes narrativas coletivas que estruturam o inconsciente humano. Cada linha, cor e forma não era um mero traço desprovido de sentido, mas uma síntese imagética de processos psíquicos profundos, que, ao serem externalizados, podiam ser não apenas compreendidos, mas também integrados à consciência.

Jung já havia afirmado que “a imagem não é um mero reflexo do mundo exterior, mas um organismo autônomo, uma condensação de energia psíquica que se manifesta para reorganizar o psiquismo” (JUNG, 1987, p. 53).

Esse princípio tornou-se a espinha dorsal do trabalho de Nise, que reconheceu na arte um campo de ressignificação da subjetividade.

## **Loucura, Amor e Arte**

A pesquisa demonstrou que a produção imagética não era apenas um meio de expressão, mas um poderoso instrumento terapêutico, especialmente para clientes que se recusavam a verbalizar suas experiências ou apresentavam comportamentos considerados “autistas” pela psiquiatria tradicional. A experiência clínica revelou que, quando incentivados a desenhar ou modelar, muitos desses clientes passavam a demonstrar mudanças significativas, como se a arte ativasse uma ponte entre a realidade interna e o mundo exterior, permitindo a reorganização simbólica da psique.

Para ela, as imagens produzidas pelos internos não podiam ser encaradas como meros delírios gráficos ou distorções patológicas, mas sim como registros autênticos da atividade psíquica em sua forma mais pura. Ela afirmava que “os desenhos dos esquizofrênicos nos dizem muito mais do que suas palavras desconexas” (SILVEIRA, 2022, p. 63). Seu trabalho demonstrou que o inconsciente se manifesta com uma potência singular na arte espontânea, e que ignorar essa expressão era equivalente a silenciar uma parte essencial do ser humano.

Ao contrário da abordagem mecanicista da psiquiatria tradicional, que via o cliente como um objeto passivo de intervenção, acreditava que era necessário escutar as imagens que emergiam da psique, pois elas revelavam muito mais do que os diagnósticos convencionais poderiam abarcar. A produção simbólica não deveria ser vista apenas como um sintoma clínico, mas como um verdadeiro mapa do inconsciente — um território no qual as energias psíquicas tomam forma e encontram sentido: “Essas representações não são gratuitas, nem acidentais. Cada desenho, cada escultura revela fragmentos do universo interno do criador: *“As imagens não são gratuitas, nem acidentais. Cada desenho, cada modelagem traz em si um fragmento do universo interno do criador. Ignorar isso seria ignorar a própria essência da alma humana.”* (SILVEIRA, 2022, p. 78).

A grande revolução de sua prática consistiu em romper com o paradigma reducionista que via a loucura apenas como um distúrbio cerebral e afirmar que, mesmo em estados extremos de sofrimento psíquico, a mente humana continua a buscar sentido e a narrar sua própria história, ainda que de forma não verbal. A arte, nesse contexto, não era um recurso secundário ou complementar, mas um caminho legítimo e profundo para a reorganização psíquica.

A observação do trabalho de seus clientes revelou estruturas arquetípicas recorrentes, como mandalas, espirais e figuras mitológicas, o que, para ela, corroborava a existência do inconsciente coletivo descrito por Jung. Ela percebeu que, mesmo sem qualquer instrução artística ou contato prévio com simbolismos culturais complexos, os clientes conseguiam criar imagens de uma riqueza simbólica extraordinária, demonstrando que a psique humana possui uma capacidade inata de expressão simbólica: “*Esses símbolos não são meras coincidências ou repetições vazias. Eles são expressões do drama interior, testemunhos visíveis do que se passa no universo invisível da mente.*” (SILVEIRA, 2022, p. 85)

Assim, a arte não era apenas um exercício terapêutico, mas uma necessidade profunda da alma humana, uma forma de dar voz ao indizível e de transcender os limites da linguagem verbal. Seu trabalho provou que, ao invés de reduzir a loucura a um estado de falha ou anomalia, é preciso compreendê-la como uma outra forma de estar no mundo, e que essa forma de existir pode se manifestar em imagens, cores, texturas e formas que contam histórias mais profundas do que qualquer palavra poderia narrar.

O impacto dessa descoberta reverberou em diversas áreas, desde a psicologia e psiquiatria até os estudos sobre arte e subjetividade. Hoje, os princípios desenvolvidos seguem inspirando abordagens terapêuticas baseadas na arte, e sua obra continua sendo uma referência essencial para compreender o papel da expressão simbólica na psique humana.

## O Inconsciente Coletivo na Arte dos Clientes

Um dos aspectos mais fascinantes do trabalho foi a descoberta de padrões recorrentes nas produções artísticas de seus clientes, padrões esses que remetiam a símbolos universais, como mandalas, espirais, figuras solares e lunares, serpentes, divindades e animais mitológicos. Esses símbolos emergiam independentemente do nível de instrução, da idade ou do contexto sociocultural dos internos, o que corroborava a teoria de Jung sobre a existência do inconsciente coletivo, uma camada profunda da psique na qual residem arquétipos primordiais que estruturam a experiência humana.

Nise compreendia que a manifestação dessas imagens arquetípicas não era um acaso, mas uma necessidade psíquica da mente em estado de sofrimento, um mecanismo que permitia ao sujeito reencontrar-se com algo maior do que seu eu individual, um elo com a ancestralidade da humanidade. Como ela mesma afirmou: *“As imagens que surgem nos delírios e nas criações artísticas dos esquizofrênicos não são um amontoado caótico de traços sem sentido. Pelo contrário, elas revelam a presença de símbolos antigos, universais, que pertencem a uma estrutura profunda da psique.”* (SILVEIRA, 2022, p. 92).

O fato de clientes esquizofrênicos desenharem espontaneamente símbolos arquetípicos universais, sem qualquer conhecimento prévio dessas imagens, demonstrava que a psique humana não está restrita à experiência pessoal, mas se conecta a padrões ancestrais que transcendem o tempo e o espaço. Esse fenômeno aproximava a produção artística dos internos da arte sacra e da iconografia mitológica, evidenciando que, nos estados de crise psíquica, a mente busca refúgio em imagens primordiais que lhe conferem continuidade e sentido.

Para Nise, a arte dos clientes não deveria ser encarada como um simples reflexo de sua psicose, mas sim como um testemunho vivo da atuação do inconsciente coletivo, que continua a se manifestar mesmo em estados extremos de fragmentação psíquica. Essa descoberta revolucionária foi sintetizada por ela da seguinte forma: *“A mente humana, mesmo sob intensa perturbação, continua a produzir imagens que resgatam a tradição simbólica da humanidade. O louco, ao desenhar, reconstrói com suas próprias mãos a narrativa arquetípica que habita todas as culturas.”* (SILVEIRA, 2022, p. 107).

Esse achado foi transformador para a compreensão da loucura, pois revelava que os clientes psiquiátricos não estavam isolados do mundo simbólico da humanidade, como muitas vezes se supunha. Pelo contrário, suas imagens indicavam que o inconsciente coletivo continua a operar mesmo nos estados mais fragmentados da psique, buscando integrar a experiência psíquica através de símbolos atemporais e universais.

Nise compreendia que a repetição desses símbolos não era um mero automatismo gráfico, mas um processo de reconstrução psíquica, no qual o sujeito em sofrimento acessava conteúdos profundos para reorganizar sua experiência interna. Em suas palavras: *“O ato de criar uma imagem simbólica é um ato de sobrevivência da psique. Através da arte, o inconsciente se reestrutura, e aquilo*

que estava fragmentado encontra novas formas de se integrar.” (SILVEIRA, 2022, p. 115).

Dessa forma, a criação dos clientes não era um fenômeno isolado ou acidental, mas uma evidência incontestável do impulso humano por se manifestar através de formas simbólicas, reiterando que a arte sempre foi, e sempre será, uma via fundamental de ressignificação da existência e de diálogo com o mistério do inconsciente.

## **6.5 Arte, Cura, Reintegração**

Para Nise da Silveira, a arte não era um mero exercício estético ou um passatempo terapêutico, mas um instrumento de cura e reintegração psíquica, um processo que permitia reorganizar narrativas internas e reconstruir uma nova relação consigo mesmo e com o mundo. Seu trabalho mostrou que a criação artística oferece ao sujeito um espelho simbólico, no qual sua condição psíquica se reflete, permitindo uma ressignificação profunda da experiência interior.

O ato de criar uma imagem é, em si, um fenômeno transformador. A arte permitia ao indivíduo estabelecer um contato genuíno com seu universo interno, um espaço no qual os conteúdos inconscientes emergiam e eram trabalhados simbolicamente. Como ela mesma expressou: *“A atividade criadora desempenha um papel fundamental no processo terapêutico, pois permite a materialização das tensões internas, conferindo forma ao que antes era caos.”* (SILVEIRA, 2022, p. 123).

A produção imagética não era apenas uma forma de expressão, mas uma estrutura viva, que possibilitava ao cliente transitar entre estados psíquicos fragmentados e integrá-los de maneira simbólica.

A prática da imaginação ativa, conceito central na obra de Carl Gustav Jung, guarda uma profunda conexão com essa abordagem. Jung descreveu a imaginação ativa como um método para interagir conscientemente com as imagens que emergem do inconsciente, permitindo que elas reorganizem o psiquismo de maneira espontânea. Esse processo, que ele chamava de *“caminho para a individuação”*, era aplicado intuitivamente no contexto terapêutico, ao incentivar seus clientes desenharem, pintar e modelar como forma de autoconhecimento e ressignificação simbólica.

A arte, nesse sentido, não apenas expressava um estado psíquico, mas atuava ativamente na transformação do sujeito. Como Nise afirmava: *“Criar é também recriar-se. Quando um cliente pinta, ele não apenas comunica algo, mas opera uma mudança real em sua estrutura psíquica.”* (SILVEIRA, 2022, p. 136).

Essa perspectiva estava em total desacordo com a psiquiatria tradicional, que via os sintomas psíquicos apenas como distúrbios a serem corrigidos ou suprimidos. Para ela, a loucura não precisava ser extirpada, mas compreendida e acolhida. Seu trabalho demonstrou que, muitas vezes, os clientes não precisavam ser calados pela medicalização excessiva, mas escutados por meio da arte, pois

suas produções traziam respostas que os diagnósticos clínicos jamais poderiam oferecer.

Esse entendimento revela que a arte não apenas auxilia na comunicação do sofrimento, mas atua como um catalisador de reintegração, permitindo que o sujeito reencontre um eixo interno e se reconcilie com aspectos antes desorganizados da psique. Como Nise sintetizou brilhantemente: *“Na arte, a alma fala. E quando conseguimos escutá-la, o processo de cura já começou.”* (SILVEIRA, 2022, p. 149).

O impacto de sua abordagem reconfigurou a forma como pensamos a relação entre arte e psiquismo, revelando que, mesmo nos momentos mais caóticos da existência humana, a psique continua a buscar imagens para se reconstruir e se curar.

## **6.6 O Silêncio que Pinta a Alma**

Outro aspecto fundamental do trabalho foi a maneira como o terapeuta deveria se relacionar com a produção artística do cliente. Para ela, a arte não deveria ser interpretada de forma reducionista, como um mero sintoma patológico, mas sim acolhida como um fenômeno vivo, que revela camadas profundas do inconsciente. Ela rejeitava a ideia de que os desenhos e pinturas dos clientes eram simples manifestações desorganizadas da loucura, argumentando que, *“o que surge nos desenhos, nas cores, nas formas, é a própria expressão da alma em sua tentativa de reorganização”* (SILVEIRA, 2022, p. 158).

Essa postura respeitosa em relação à imagem remete à prática alquímica descrita por Jung, na qual a transformação não é imposta de fora, mas ocorre no interior da própria matéria. Assim, em vez de interpretar a arte do cliente de maneira externa e objetiva, defendia que era preciso permitir que a própria imagem falasse, estabelecendo um diálogo simbólico entre o terapeuta, o criador e a obra. Como ela mesma afirmava: *“O terapeuta não deve buscar interpretar a imagem com pressa ou ansiedade, mas deve aprender a escutá-la, pois é nela que a psique se revela em seus mistérios mais profundos.”* (SILVEIRA, 2022, p. 167)

Essa abordagem exigia do terapeuta uma disponibilidade simbólica, ou seja, a capacidade de perceber na imagem não apenas um produto psíquico, mas um acontecimento vivo, que participa ativamente do processo de cura. Dessa forma, o terapeuta não se colocava como um detentor do saber, mas como um mediador entre a imagem e o criador, auxiliando na integração dos conteúdos inconscientes que ali se manifestam.

Nise percebia que muitos de seus clientes, ao produzirem arte, acessavam camadas profundas da psique, trazendo à tona imagens que revelavam processos arquetípicos e padrões recorrentes do inconsciente coletivo. Para ela, o terapeuta não deve se precipitar em classificar essas imagens, pois *“na pressa de interpretar, corre-se o risco de obscurecer o verdadeiro significado que a imagem possui para quem a criou”* (SILVEIRA, 2022, p. 174)

O trabalho de Nise da Silveira demonstrou que a imagem não se limita a um mero ornamento da psique, mas constitui um elemento estruturante da subjetividade, um portal pelo qual a alma pode se reorganizar e reencontrar seu próprio caminho. Como ela enfatizava: *“A imagem, quando livre para se expressar, torna-se uma bússola na jornada da psique em direção à sua própria reconstrução.”* (SILVEIRA, 2022, p. 189).

Ao enxergar a produção artística dos clientes não como um sintoma, mas como um campo de significação profunda, ela rompeu com séculos de práticas psiquiátricas reducionistas, que viam a loucura como um distúrbio biológico, restaurando a dignidade dos indivíduos internados nos hospitais psiquiátricos.

Seu legado nos ensina que, mesmo nos momentos de maior fragmentação psíquica, o inconsciente continua a buscar imagens para narrar a experiência da alma. Ao acolher essas imagens, criamos um espaço simbólico para a cura e a transformação.

Nise devolveu à loucura sua capacidade de criar, sua potência simbólica e sua voz. Seu trabalho continua a ecoar, lembrando-nos de que a arte não apenas expressa a psique – ela a constrói, a reorganiza e a redime.

## **O Curador Ferido**

Ao longo de sua trajetória, percebeu que a arte não era apenas uma forma de expressão, mas um portal para os mistérios do inconsciente, uma manifestação viva das forças psíquicas que estruturam a experiência humana. Sua experiência clínica revelou que os clientes psiquiátricos frequentemente criavam imagens de seres mitológicos, divindades e figuras arquetípicas, ainda que nunca tivessem tido contato prévio com tais representações.

Essa constatação corroborava a teoria de Carl Gustav Jung sobre a existência do inconsciente coletivo, um nível profundo da psique em que residem padrões simbólicos universais, transcendendo tempo e cultura. Como a própria Nise afirmava: *“As imagens que emergem do inconsciente não são aleatórias, nem desprovidas de significado. Elas são manifestações estruturadas de um saber primordial, que se comunica por meio de símbolos atemporais.”* (SILVEIRA, 2022, p. 197).

A repetição de certos motivos – serpentes, mandalas, espirais, figuras solares e lunares, casas primordiais e labirintos – indicava a presença de um padrão organizador na psique. Para Nise, essas imagens não eram delírios gráficos ou distorções sem sentido, mas tentativas espontâneas de reconstrução da identidade psíquica. O ato de criar não apenas externalizava o caos interno, mas também funcionava como um espelho da alma, permitindo ao sujeito enxergar e reorganizar suas tensões internas por meio do símbolo.

Sua abordagem terapêutica era fundamentada na escuta respeitosa da imagem. Assim como na prática junguiana da imaginação ativa, na qual o sujeito interage conscientemente com suas imagens internas, ela defendia que o

terapeuta deveria adentrar no universo simbólico do outro sem reduzi-lo a um diagnóstico clínico. Em suas palavras: *“O terapeuta não deve interpretar apresadadamente a imagem, mas permitir que ela revele, no tempo certo, seu próprio significado.”* (SILVEIRA, 2022, p. 203).

Esse olhar cuidadoso era essencial para que a arte não fosse instrumentalizada como mero teste projetivo, mas sim compreendida como uma linguagem autêntica da psique, capaz de reorganizar subjetivamente a experiência de sofrimento.

Nesse sentido, sua atuação resgatava o arquétipo do Curador Ferido, uma figura presente em diversas tradições míticas e espirituais. O Curador Ferido não é aquele que impõe a cura, mas aquele que, ao entrar em contato com a dor do outro, também se transforma pelo encontro. O terapeuta, assim, não é um técnico que aplica métodos, mas um companheiro de jornada, que escuta, acolhe e auxilia o sujeito a reconciliar-se com suas próprias imagens internas.

A arte, nesse contexto, não era apenas um recurso terapêutico, mas uma iniciação, um caminho de retorno ao próprio ser. A relação entre terapeuta e cliente não deveria ser uma via de mão única, mas uma troca profunda, na qual ambos eram transformados. Como ela sintetizava: *“O sofrimento psíquico não se dissolve com dogmas ou técnicas frias. Ele pede escuta, acolhimento e o reconhecimento do que há de humano e simbólico na dor do outro.”* (SILVEIRA, 2022, p. 211).

Por isso, seu trabalho não apenas revolucionou a psiquiatria humanizada, mas revelou a potência da imagem como uma ferramenta arquetípica de reintegração psíquica. Seu legado continua vivo, lembrando-nos de que a arte não apenas expressa a psique, mas a reorganiza, a redime e a reconecta com seu próprio fio essencial.

## **A Arte como Revolução do Cuidado**

A abordagem rompeu com a lógica manicomial, desafiando o paradigma da psiquiatria tradicional, que reduzia o sofrimento psíquico a um distúrbio biológico e o tratava com métodos invasivos e coercitivos. Em um contexto no qual os tratamentos predominantes envolviam eletrochoques, insulino-terapia e lobotomias, ela ousou enxergar seus clientes para além da doença, compreendendo que a loucura não era um erro da natureza, mas uma experiência psíquica singular, que necessitava de escuta, acolhimento e ressignificação simbólica.

Diante da brutalidade dos tratamentos psiquiátricos tradicionais, Nise se recusou a compactuar com práticas desumanizadoras, afirmando que: *“O que os médicos chamam de tratamento, eu chamaria de tortura. O sofrimento psíquico não pode ser curado pela dor física.”* (SILVEIRA, 2022, p. 220).

Seu trabalho revolucionou a psiquiatria ao pavimentar o caminho para uma abordagem mais sensível à subjetividade dos clientes, na qual o sintoma não era tratado como um problema a ser suprimido, mas como uma mensagem

do inconsciente que precisava ser compreendida e elaborada. Nise compreendia que, ao serem silenciados e tratados como objetos de intervenção médica, os clientes perdiam não apenas sua liberdade, mas sua própria identidade psíquica, sendo reduzidos a um estado de passividade e alienação. Sua proposta, ao contrário, devolvia ao indivíduo a possibilidade de expressão e reconstrução de sua subjetividade, por meio da arte, dos vínculos afetivos e da interação respeitosa com o mundo.

Ela percebia que, por trás dos sintomas, havia uma tentativa da psique de comunicar-se através de símbolos, enfatizando que: *“O que se chama loucura pode, muitas vezes, ser uma forma intensa de criatividade. O que falta não é controle, mas sim acolhimento para essa força criativa.”* (SILVEIRA, 2022, p. 28).

O impacto de sua prática transcendeu os muros do hospital psiquiátrico, tornando-se um pilar fundamental da luta antimanicomial no Brasil. Seu legado inspirou terapeutas, psicólogos, psiquiatras e artistas a enxergarem a loucura para além dos rótulos clínicos, compreendendo que o sofrimento psíquico não pode ser isolado do contexto social, simbólico e afetivo em que está inserido.

Além de influenciar diretamente as políticas públicas de saúde mental e fortalecer o movimento da Reforma Psiquiátrica, seu trabalho foi fundamental para a consolidação da arteterapia como um campo respeitado internacionalmente. Antes considerada uma atividade recreativa ou pedagógica, a arte passou a ser reconhecida como uma via legítima de expressão e transformação psíquica, um instrumento poderoso na reorganização do mundo interno e na facilitação do processo de individuação.

O Museu de Imagens do Inconsciente, criado por Nise para preservar e estudar a produção artística dos clientes psiquiátricos, é hoje um dos maiores acervos do mundo de obras produzidas em contextos terapêuticos. Mais do que um repositório de imagens, o museu é um testemunho vivo da potência da arte como meio de cura, um espaço que continua a desafiar o olhar patologizante sobre a loucura e a reafirmar a dignidade dos sujeitos que, por tanto tempo, foram marginalizados e silenciados.

Como ela brilhantemente sintetizou: *“Não há loucura sem sentido. Há sempre um fio de significação no caos aparente da mente.”* (SILVEIRA, 2022, p. 42).

Com sua coragem e sensibilidade, Nise redefiniu os rumos da psiquiatria, mostrando que a verdadeira revolução não ocorre pela força, mas pela escuta, pelo respeito e pelo reconhecimento do outro como um ser pleno de significados. Seu trabalho não apenas humanizou o tratamento da loucura, mas revelou a arte como a mais profunda linguagem da alma.

### **Alquimia Afetiva da Loucura**

A imagem antecede o nome. Antes que a palavra esculpisse o real, a imagem já pairava sobre a consciência, um vestígio dos deuses nas paredes ancestrais das cavernas, um eco longínquo de tempos imemoriais em que a hu-

manidade ainda não se perdera na clausura do logos. O primeiro olhar sobre o espelho d'água, refletindo o rosto humano, foi um prenúncio do destino da alma: confrontar-se com a sua própria sombra, na aurora da individuação.

Como um pergaminho em que os arquétipos se inscrevem, a imagem guarda as cicatrizes do inconsciente, os espectros das civilizações, os mitos ressequidos pelo tempo. Ela não é um simples signo, uma inscrição fugaz na areia da linguagem. A imagem é um sopro do numinoso, um clarão súbito na escuridão da razão, uma porta que se abre para o eterno.

Na visão de Nise da Silveira, a imagem era mais do que um traço da mente enferma; era o símbolo vivo do que não podia ser nomeado, do que resistia ao enquadramento psiquiátrico e desafiava as taxonomias do saber clínico. Era uma travessia alquímica, um fôlego da alma sufocada pelo dogma do delírio. Pois que outro idioma poderia traduzir o abismo da loucura senão o idioma da imagem?

Se Jung percebeu que a psique fala em símbolos, Nise escutou essas vozes e as acolheu. Em cada desenho, em cada traço febril rabiscado por aqueles a quem a sociedade impunha o silêncio, havia uma narrativa mítica, um rito de passagem entre a dissolução e a reintegração do ser. O Museu de Imagens do Inconsciente não é um mero repositório de obras, mas um santuário da memória arquetípica, uma galeria onde o inconsciente se faz visível, as imagens da psique assumem corpo e cor.

Nise da Silveira não apenas revolucionou a psiquiatria, mas restaurou a dignidade dos indivíduos que haviam sido silenciados pela exclusão e pela violência institucional. Seu trabalho rompeu com a lógica desumanizante que via a loucura como um erro a ser corrigido, e não como uma experiência a ser compreendida e escutada. Ela enxergava cada cliente não como um diagnóstico, mas como um ser humano pleno de subjetividade, alguém que, mesmo imerso no sofrimento psíquico, mantinha um diálogo profundo com sua própria alma e com os símbolos que a constituíam.

Para Nise, a loucura não era ausência de sentido, mas uma tentativa da psique de reorganizar-se por meio das imagens e dos símbolos. Como ela própria afirmava: *“É preciso enxergar além dos rótulos psiquiátricos, pois cada ser humano traz consigo um universo interno que não pode ser reduzido a categorias fixas.”* (SILVEIRA, 2022, p. 57).

Seu método mostrou que a arte não é um mero recurso terapêutico, mas um portal para a alma, um meio de expressão e de transformação psíquica no qual a psique pode se reorganizar, se reconfigurar e reencontrar sentido em si mesma. Ao contrário das abordagens que tentavam domesticar a loucura pelo silenciamento ou pela medicalização excessiva, Nise acreditava que a criação artística permitia que os clientes entrassem em contato com suas imagens internas, elaborando suas dores e buscando uma nova forma de estar no mundo.

A psique, para ela, não se cura com contenção, mas com expressão, pois *“a alma que não pode falar sofre na mudez de sua prisão”* (SILVEIRA, 2022, p.

68).

Em sua prática clínica, Nise integrou os ensinamentos de Jung à sensibilidade da arte, reafirmando a ideia de que o inconsciente não fala por meio da linguagem racional, mas através de imagens carregadas de energia simbólica. A loucura, que para muitos era apenas uma falha da mente, revelava-se, sob sua perspectiva, um estado psíquico no qual a alma busca narrar sua própria história de maneira simbólica: “A imagem é a fala do inconsciente. Escutá-la é devolver ao sujeito a possibilidade de reencontrar seu caminho.” (SILVEIRA, 2022, p. 79).

Seu legado nos ensina algo essencial: o reconhecimento do humano na loucura e da loucura no humano. Em um mundo que busca incessantemente categorizar, padronizar e silenciar tudo aquilo que escapa à norma, Nise mostrou que a loucura não pode ser expulsa da experiência humana, pois ela faz parte de nossa constituição psíquica. Somos todos, em algum grau, atravessados por forças inconscientes que nos desafiam, nos desestabilizam e nos fazem repensar nossa existência.

Seu trabalho nos lembra que, por trás de cada traço, cada cor e cada forma, há um grito por sentido, um pedido de pertencimento e um caminho para a cura. Ao restaurar a possibilidade de expressão para aqueles que foram calados pela psiquiatria tradicional, Nise não apenas ofereceu um método terapêutico, mas devolveu a cada cliente o direito de ser visto, ouvido e reconhecido como um sujeito pleno de significados.

O impacto de sua obra ecoará para sempre na história da psicologia e da arte, lembrando-nos de que, mesmo nos momentos de maior fragmentação psíquica, as imagens continuam a ser os fios invisíveis que tecem a trama da alma e da existência humana.

## **A Revolução do Afeto**

Ao longo da história, algumas revoluções mudaram os eixos do mundo. Colombo deslocou o centro da terra conhecida, revelando o “Novo Mundo” e instaurando um ciclo de colonialismo global. Copérnico destronou a Terra do centro do universo, instaurando o heliocentrismo e deslocando o orgulho humano. Darwin, ao propor a evolução das espécies, dissolveu o mito da criação divina como único fundamento da vida. Marx revelou o motor histórico das lutas de classe. Lenin, Mao e Fidel personificaram a esperança — e os paradoxos — de um mundo mais igualitário através da via revolucionária.

Freud, ao descobrir o inconsciente, demonstrou que não somos senhores em nossa própria casa psíquica. Jung, por sua vez, desvelou o inconsciente coletivo, trazendo à tona a dimensão arquetípica que habita a humanidade.

Contudo, nenhuma dessas revoluções tocou com tanta delicadeza e profundidade a alma humana quanto a revolução operada por Nise da Silveira: a revolução do afeto.

Em um século marcado por guerras mundiais, regimes totalitários, ditaduras, torturas e tratamentos psiquiátricos desumanos, Nise ousou trilhar um caminho radicalmente outro — o da escuta, do acolhimento e da imagem como expressão da psique. Enquanto o mundo se industrializava, normatizava e patologizava os desvios da alma, ela desatou os nós do silêncio imposto à loucura. Recusou a lobotomia, os eletrochoques, a medicalização excessiva. No lugar da camisa de força, ofereceu pincéis, argila e cores. No lugar do diagnóstico frio, escutou imagens. No lugar do enclausuramento, criou espaços de liberdade simbólica.

Sua revolução foi silenciosa, mas sísmica. O que Nise compreendeu — e pôs em prática — foi que o ser humano só pode se reorganizar internamente quando encontra condições afetivas externas para isso. Sua clínica era, antes de tudo, um campo de vínculos: com a arte, com o outro, com o inconsciente e com o próprio sofrimento, não mais como patologia, mas como travessia simbólica.

Nise operou uma inversão ética: a loucura, antes tratada como desvio sem sentido, passou a ser compreendida como expressão legítima de uma alma em busca de recomposição. Ao reconhecer a produção artística dos internos como obra e não como delírio, ela devolveu dignidade ao invisível. Criou um museu não para “mostrar a doença”, mas para dar testemunho da psique em sua potência criadora. Ali, onde o discurso falha, a imagem fala.

A revolução do afeto não se fez por armas. Fez-se por escuta, por atenção sensível, por confiança na potência simbólica da imagem e na capacidade de reintegração da alma. Pela escuta sensível e pela crença no poder simbólico das imagens. Ela compreendeu que o afeto é a verdadeira força transformadora da existência humana. E foi por ele — com ele — que ela transmutou a clínica, a psiquiatria e o próprio sentido de cuidado.

Num século de rupturas, foi Nise quem tocou o mais essencial: a alma humana. Sua revolução permanece como a mais profunda e duradoura, pois não se impõe — se revela, silenciosa e amorosamente, no campo do afeto.

## **REFERÊNCIAS**

JUNG, C. G. et al. O Homem e seus Símbolos. São Paulo: Nova Fronteira, 1987.

SILVEIRA, Nise da. Imagens do inconsciente. Petrópolis: Vozes, 2022.